

PROGRAMA DE MINICURSO
EXPOSIÇÃO CARNE VIVA –
Museu Oscar Niemeyer/2023

Transformações e confluências: tópicos sobre a formação do vocabulário da arte brasileira local

Conceito geral:

Os episódios contumazes em que a crítica de arte Adalice Araújo saiu em defesa de artistas e de sua visão sobre a arte paranaense entraram para a história.¹ A “menina do Sion que chutou o balde”, numa alusão irreverente às suas origens abastadas feita pelo jornalista José Carlos Fernandes, “tornou-se a guerrilheira mais bem

¹ V. REIS, Paulo (Org.). **Visita guiada:** a crítica de Adalice Araújo. Curitiba: Medusa: 2020. FREITAS, Artur. Memória e esquecimento: Adalice Araújo e a invenção da arte paranaense. In: COSTA, Hilton; PEGORARO, Jonas; STANCZYK, Milton. (Org.). **O Paraná pelo caminho:** histórias, trajetórias e perspectivas. Curitiba: Máquina de Escrever, 2017.

penteadada e ilustrada da República, com várias chamadas para depor no SNI. Não pegou em armas - mas teria sido mais fácil do que sacudir o academicismo da Curitiba daqueles tempos”². *Aqueles tempos* a que se refere o jornalista são os idos de 1968, quando Adalice inicia a trajetória que iria lhe render 25 anos de críticas semanais nos jornais Diário do Paraná e Gazeta do Povo (1969-1994), sem contar os anos em sala de aula, outros estruturando um arquivo monumental que serviu de base para o seu *Dicionário das Artes Plásticas no Paraná* e mais alguns promovendo eventos, como os *Encontros de Arte Moderna*, iniciados em 1969 e que coordenou até 1974, com os quais estabeleceu intercâmbios com alguns dos nomes mais relevantes do cenário nacional, como Frederico Moraes, Arthur Barrio e Anna Bella Geiger. Em sua tese de livre-docência defendeu a importância de um pensamento local, mas não regionalista ou ufanista, como foi o movimento paranista. “Estamos em pleno ato de deglutir as nossas inúmeras realidades.”³ Exatos 40 anos depois, o artista e pesquisador Newton Goto viria corroborar com a sua visão ao compilar um panorama da produção artística realizada na terra dos pinheirais: “Curitiba, assim como o Paraná, possuem uma geografia singular, clima singular, processo de ocupação territorial singular, ciclos econômicos singulares, formação étnica singular. Conseqüentemente, um histórico com produção artística diferenciada”⁴.

A trajetória traçada pela arte nesse contexto sofria forte influência das decisões políticas locais. Ao final dos anos de 1970 e início de 1980, o setor público era o principal incentivador para a promoção de um cenário paranaense das artes, com predileção de políticos e gestores para duas linguagens em específico: o desenho e a gravura. *A Mostra de Desenho Brasileiro* (1979-1994) era patrocinada pelo

² FERNANDES, José Carlos. *Adalice Araújo, a guerrilheira Dadá*. Gazeta do Povo. Curitiba, 11/09/2010. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/perfil/adalice-araujo-a-guerrilheira-dada-27yr94ovwixr3zcep7x97mfke/>

³ ARAÚJO, Adalice. *Arte moderna paranaense e contemporânea: em questão 3.000 anos de arte paranaense*. [Tese de Livre-Docência]. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - UFPR. Curitiba, 1974, p.20.

⁴ GOTO, Newton. *Visionário invisível: o circuito curitibano de artes visuais*. Texto em Blog. Curitiba, 14/07/2014. Disponível em: https://newtongoto.files.wordpress.com/2015/01/visionc3a1rio-invisc3advel_texto-goto_14-07-20141.pdf

Governo do Estado enquanto que a Fundação Cultural de Curitiba (FCC), através da prefeitura do município, estimulava a perspectiva da produção gráfica, com as *Mostras da Gravura Cidade de Curitiba* (1978-2000).

Contra-pondo-se a esse direcionamento e restrição de linguagem da produção artística surge a *Mostra Arte Bicicleta*⁵ (1982), figurando em seu cartaz uma *Ceia do Grupo* (em referência à Santa Ceia) e uma frase sugerida pelo livro *Assim Falava Zaratrusta*, que Adalice Araújo destacaria como um mantra dessa nova geração: “Cada geração é única e tem a liberdade de encontrar o seu caminho”. A iniciativa do *Grupo Bicicleta* é considerada como ponto de virada do processo de iniciativa de jovens artistas na ocupação de espaços tradicionais de exibição, pois conseguiram reivindicar com o Governo do Estado a Sala de Exposição do Teatro Guaíra para a sua realização, um dos mais importantes espaços de exibição de Curitiba na época.⁶

Essa contínua homologação da arte produzida no Paraná começa a ganhar outros contornos com a conexão desses jovens artistas com nomes relevantes do cenário nacional, como Frederico Moraes⁷ e Paulo Herkenhoff, que assumiu a curadoria das *Mostras da Gravura* entre 1992 e 2000.⁸ Com uma visão ampliada, o *Moto Contínuo*⁹, evento

⁵ **Mostra Arte Bicicleta.** Rossana Guimarães, Leila Pugnaroni, Luiz Hermano, Eliane Prolík, Mohamed, Raul Cruz, Geraldo Leão, Denise Roman e Denise Bandeira. Sala de Exposição do Teatro Guaíra. Curitiba/Maio, 1982.

⁶ “Desde a década de 1970, as exposições mais importantes da cidade ocorriam nesse espaço, sobretudo o Salão Paranaense e a Mostra do Desenho Brasileiro.” REINALDIN, Ivair. **Moto Contínuo: estudo de caso – arte no Brasil – início da década de 80.** Rio de Janeiro, UFRJ, EBA, 2007, p.97.

⁷ Frederico Moraes foi convidado em 1971 para participar do III Encontro de Arte Moderna, dando origem ao evento que ficou conhecido como Sábado da Criação.

⁸ Ivo Mesquita, que despontava no cenário paulista e internacional também manteve presença constante nas mostras, participando como parte do júri da Sala Espontânea da Mostra da Gravura de Curitiba em 1990 e das curadorias em 1992 (curadoria geral Uiara Bartira e comissão curatorial Paulo Herkenhoff, Ivo Mesquita e Nilza Procopiack), em 1995 (curadoria geral de Paulo Herkenhoff, assistência de curadoria de Ivo Mesquita, curadoria argentina Alina Tortosa, curadoria chilena Justo Pastor Mellado e coordenação geral de Bernadette Panek). PANEK, Bernadette. **A contemporaneidade da Gravura em Discussão.** Monografia de Especialização. EMBAP, 1998, p.36; 38 e 42.

⁹ **Moto Contínuo.** Galeria de Arte da Fundação Cultural de Curitiba (FCC) Denise Bandeira, Eliane Prolík, Geraldo Leão, Mohamed Ali el Assal, Raul Cruz e Rossana Guimarães. 15 de setembro e 9 de outubro de 1983. Curitiba/PR

que ocorreu em 1983 na esteira desse agitação coletiva, ampliou por definitivo os incentivos concentrados nas linguagens do desenho e da gravura pelas políticas públicas do Estado do Paraná e do Município de Curitiba.

O pesquisador Ivair Reinaldim coloca em questão o conceito de *Geração 80*, apontando a sua insuficiência para abarcar situações que foram marginalizadas por terem ficado de fora da emblemática mostra no Parque Lage. *Como vai você, Geração 80?* (Parque Lage, 1984) colaborou para o processo de redução desse período como um *retorno do prazer de pintar*, algo enfatizado tanto pelo mercado quanto pela crítica de arte do período. *Moto Contínuo* estaria assim ao lado de eventos como os da *Dupla especializada*, *Seis mãos* e *A moreninha*, todos cariocas.¹⁰ Por outro lado, havia também nesse período uma forte *institucionalização* da crítica e da curadoria de arte e mesmo de artistas-gestores-professores, que estavam em busca de uma visão muito mais ampliada sobre as linguagens, como foi o caso de Rubens Gerchman à frente da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, entre 1975 e 1979.¹¹

O minicurso ***Transformações e confluências: tópicos sobre a formação do vocabulário da arte brasileira local*** procura abordar alguns tópicos da construção dessa história e os seus impactos, heranças e repetições na contemporaneidade. O objetivo central é nos perguntarmos quais são as contribuições que um vocabulário em relação a essas narrativas pode ter na atualidade e como isso se relaciona com contextos mais amplos, nacional e internacionalmente.

¹⁰ REINALDIM, Ivair. *Op. Cit.*, p.125.

¹¹ JORDÃO, Fabrícia. *As atuações e contribuições institucionais de artistas e intelectuais no campo das artes visuais durante o período da redemocratização brasileira (1974-1989)*. PPGAV-ECA/USP [Tese de Doutorado], 2018, p.185.

Programação geral:

COORDENAÇÃO: Arthur L. do Carmo, Cleverson Oliveira e Eliane Prolik

CONVIDADOS/AS: Paulo Herkenhoff, Fabricia Jordão, Ivo Mesquita, Bruno Marcelino, Carina Weidle, Cris Mendes, Uiara Bartira, Jhon Voese, Geraldo Leão, Ana González, Paulo Reis, Eliane Prolik, C.L. Salvaro e (artistas da mostra Carne Viva).

Local e data de realização:

Mesas 01 a 04 (Mini-auditório/MON): 03 a 06 de abril de 2023 das 19h às 21h

Mesa com os artistas (Mini-auditório/MON): 12 de abril de 2023 das 19h às 21h

Mesa de encerramento (Auditório Poty Lazzarotto/MON): 15 de abril de 2023 às 16h

Público alvo:

Estudantes de graduação e de pós-graduação das áreas de humanas em geral, professores de classes regulares e especiais das redes de ensino público e privado, profissionais que atuam na manutenção e gestão de equipamentos culturais e outros/as profissionais ligados/as à produção da arte e sua difusão.

Número de vagas: 30 (Curso Gratuito/Presencial)

Inscrições: lnk.dev/inscricoes-MINICURSO

Programação detalhada:

Mesa 01: Arthur L. do Carmo, Geraldo Leão e Fabricia Jordão

Anos 80: disrupção e reinvenção

(03 de Abril – das 19h às 21h/Mini-auditório MON)

No início da década de 1980, o forte movimento disruptivo de produções de arte conceituais, combativas, públicas e efêmeras das décadas anteriores passa a enfrentar outros contornos do sistema da

arte. Essa mesa procura situar o movimento de transição entre a *crise do objeto artístico* e a sua *institucionalização*, que exigiu a reinvenção dos modos de atuação e de produção da crítica, da curadoria, de artistas e de outros agentes, como os colecionadores.

Mesa 02: Arthur L. do Carmo e Ana González. Participação por vídeo (gravado): Ivo Mesquita e Uiara Bartira

Laboratório em rede: as Mostras da Gravura de Curitiba nos anos 90

(04 de Abril – das 19h às 21h/Mini-auditório MON)

As Mostras da Gravura de Curitiba que ocorreram na década de 1990 foram marcadas por uma ampliação monumental das noções sobre a especificidade de uma linguagem. As mostras de 1992, 1995 e a que ocorreu na virada dos anos 2000, principalmente, romperam com o discurso que se voltava aos limites formais da especificidade da gravura e se tornaram um verdadeiro *fórum para a arte contemporânea internacional*. Paulo Herkenhoff, um dos curadores da XII Mostra da Gravura de Curitiba, destaca no catálogo publicado em 2000 que a mostra de 1995 proporcionou o espaço para a criação de um *laboratório editorial* que iria confluír na organização dos livros da XXIV Bienal de São Paulo em 1998, conhecida como Bienal da Antropofagia.

Essa mesa procura traçar possíveis heranças, desdobramentos e lança outra pergunta: qual seria afinal o lugar das Mostras da Gravura no mapa da arte brasileira e contemporânea?

Mesa 03: Bruno Marcelino e Paulo Reis

História da arte de onde?

(05 de Abril – das 19h às 21h/Mini-auditório MON)

Nesse encontro serão debatidas e problematizadas as expressões *arte paranaense*, *arte produzida no Paraná* e *arte brasileira* enquanto marcadores da certa produção artística. O objetivo é discutir e espreitar

criticamente a abrangência, ou não, da possibilidade de outros modos de abordagem das narrativas históricas. E, por fim, refletir sobre as congruências ou incongruências entre as peculiaridades de certa produção dita local e, algumas vezes dita, regional e a perspectiva de outros contextos mais amplos, sejam nacionais ou internacionais.

Mesa 04: Jhon Voese e Cris Mendes

A questão institucional

(06 de Abril – das 19h às 21h/Mini-auditório MON)

Com a forte institucionalização do sistema da arte ocorrido nas últimas décadas, o *embate entre artistas e instituições* foi carregado de marcos históricos, disputas e transformações, seja da própria produção artística quanto das *ferramentas institucionais* que precisaram ser criadas por museus, galerias e coleções. Nesse sentido, a mesa irá destacar entre outros casos a relação entre o programa de residência de artistas Faxinal das Artes (2002) e a construção do Novo Museu (2002-2003).

Mesa 05 (aberta ao público): Washington Silvera, Hugo Mendes, Eliane Prolik, C. L. Salvaro, Cleverson Oliveira, Cíntia Ribas, Carina Weidle, Bruno Marcelino e Jhon Voese

Mesa redonda com os/as artistas e corpo curatorial da exposição da Carne Viva

(12 de Abril – das 19h às 21h/Mini-auditório MON)

Mesa de encerramento (aberta ao público):

Encontro com Paulo

(15 de Abril – das 16h às 19h/Auditório Poty Lazzarotto MON)

Convidado: Paulo Herkenhoff. Provocações: Cleverson Oliveira, Carina Weidle, Bruno Marcelino, Eliane Prolik e C.L. Salvaro.

Mediação: Arthur L. do Carmo.